

Zumbis, vampiros e alguns humanos: uma análise histórica e literária do corpo monstruoso.

Prof. Dra. Elisa Mariana de Medeiros Nóbregaⁱ (UEPB)
Prof. Dra. Geralda Medeiros Nóbregaⁱⁱ (UEPB)

Resumo:

Esse trabalho pretende cartografar as representações culturais contemporâneas sobre os monstros presentes na literatura norte-americana de Charlainé Harris e na obra do escritor espanhol Manel Loureiro, para problematizar a corporeidade enquanto construto imagético-discurso. A emergência cada vez maior de personagens na literatura como vampiros, zumbis, lobisomens, muito mais do que significar o corpo do outro enquanto experiência do extraordinário, permite dimensionar novas formas de subjetividade humana, produzindo múltiplos signos sobre o estar consigo e o viver em coletividade. Nessa perspectiva, propomos um olhar sobre o monstruoso a partir dos estudos literários e da histórica cultural.

Palavras-chave: monstros, literatura, história cultural, subjetividades.

1 Introdução

Um dia, passeando pelo shopping da minha cidade, dei de encontro com uma criança e sua mãe. A criança, buliçosa, desobedecia, com gritos agudos, as ordens da mãe, que lhe disse: Menino-fique-quieto, senão eu chamo o velho. Lembrando-me de Pedro Nava, olhei para minhas mãos, já marcadas pelo tempo, e pensei: O monstro sou eu. (Geralda).

Era uma vez, há muito tempo atrás, uma sociedade histórica que lançou para as margens de seu conhecimento, e por isso tanto esquecimento, as narrativas sobre os monstros. Ocupados que estavam em territorializar no espaço dos seus anais históricos as proezas, nem sempre sublimes, dos personagens ilustres que representavam o espírito e a grandeza de sua nação, optaram por promover um divórcio da história(grafia) com o universo poético e filosófico de seu tempo. Dessa divisão, um tanto quanto diabólica, só para lembrar da etimologia das palavras, os historiadores se afastaram de tudo aquilo que fosse da (des)ordem sobrenatural e-ou do sublunar (VEYNE, 1982), se instituindo como arautos de uma memória civilizadora, centralizadora e, porque não, pedagógica do valor(oso), para constituir os arquivos escriturísticos de uma sociedade civilizatória.

Nessa mesma historicidade, pululam as narrativas que espreitavam e flertavam com as sombras, que desconfiavam da racionalidade do paradigma realístico, que turvavam os sentidos de um romantismo civilizatório, que desconfiava, sobretudo, da tradição cartesiana, como para nos lembrar dos seres “esquecidos por Deus” e pela história: os monstros.

Passado um século e algumas décadas, nesse nossa contemporaneidade, eis que os monstros voltam a ocupar a cena e a pena dos historiadores. Mary Del Priore, em seu livro *Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e Ibero-Americano* questiona: “de onde as sociedade extraem a matéria para os seu sonhos?”. Os sonhos muitos mais do que demarcar o não lugar do real, se tornariam, eles mesmos, os indícios de como uma sociedade se imagina e, por isso, se institui (CASTORIADIS, 1982), enquanto campo de possibilidade, enquanto experiência histórica. No

embalo do sono de seu filho, Del Priore se inspirou para ocupar-se dos personagens que por muito tempo foram obliterados da “ciência” histórica. Anterior mesmo a essa experiência de pesquisa, temos também uma grande tradição historiográfica para além dos limites de nossa historiografia nacional, quando os historiadores, já enfadados das antigas normatizações do seu saber, resolveram por em prática um expansivo exame do obliterado em suas “artes do fazer”:

O historiador não é mais o homem capaz de constituir um império. Não visa mais o paraíso de uma história global. Circula em «torno» das racionalizações adquiridas. Trabalha nas margens. Deste ponto de vista se transforma num vagabundo. Numa sociedade devotada à generalização, dotada de poderosos meios centralizadores, ele se dirige para as Marcas das grandes regiões exploradas. «Faz um desvio» para a feitiçaria, a loucura, a festa, a literatura popular, o mundo esquecido dos camponeses, a Occitânia, etc., todas elas zonas silenciosas. (CERTEAU, 2002, p. 41).

Vagabundos, ocupam-se da história do medo (DELEMEAU, 1989), dos sonhos proletários (RANCIÈRE, 1988), das lágrimas (VINCENT-BUFFAULT, 1988), do absinto (BAKER, 2010), das feitiçarias (GINBURG, 1991), do diabo (FLUSSER, 2005), dos vampiros (LECOUTEUX, 2005), e de tantas outras marcas que povoam a nossa experiência histórica, desse novo modo de nos compreender enquanto sujeitos.

Para isso, teve que por em curto-circuito os paradigmas do seu fazer, vivenciando diálogos férteis com a literatura, a filosofia, a antropologia, entre outros. E assim, fez-se de sua oficina o lugar de (re)encontro com as sombras, com o lunar, com o híbrido, com o monstro, inquietando os recalques de todo um ordenamento do paradigma metafísico racionalista (ALBUQUERQUE JR., 2007)

Com essa nova empreitada, a historiografia tornou possível agenciar outros devires que habitam os historiadores. Como diz Marc Bloch: “Já o historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça” (2001, p. 54). E dessa caça, matéria de escrita, Bloch lembra, como quem alerta, que o problema da observação histórica é, sobretudo, a “necessidade de unir o estudo dos mortos ao dos vivos”, para que o saber sobre o passado (morte) não venha descolado de um sentido presente (vida).

Como, então, pensar o estudo dos mortos quando os mortos são mortos-vivos? – Eis a questão.

A partir dessa inquietação associada a uma necessidade de mensurar e compreender a nossa experiência do contemporâneo, marcada por um excesso de narrativas sobre o corpo monstruoso e pelo desejo soberano de politizar a vida (AGAMBEN, 2007) que nos propomos a delinear algumas possibilidades de caça em relação a duas obras literárias que tem como singularidade a presentificação dos mortos-vivos, no intuito de demarcar novas formas de subjetivação da nossa corporeidade, pensada enquanto espaço artificial, rizomática e, por isso também, diabólica.

A primeira dessas narrativas é a da escritora Charlaïne Harris, escritora estadunidense, que produziu *The Southern Vampire Mysteries*, publicada no Brasil em 2001, cujo primeiro de seus livros, *Morto ao até o anoitecer*, inaugura a série sobre a garçoneira do sul da Louisiana Sookie Stackhouse e suas peripécias afetivas com vampiros, lobisomens, bruxas, fadas, transformos, ela mesma, uma telepata. Essa série literária também ficou conhecida como *True Blood*, nome dado a sua adaptação televisiva pelo canal HBO. Estima-se que essa saga já tenha atingido o número de 24 milhões de cópias vendidas, indiciando o seu alcance de leitores.

A narrativa se passa na cidade fictícia de Bon Temps e versa sobre as relações nem sempre amorosas dos humanos com a entrada em cena dos seus mortos-vivos, os vampiros, que “saídos do

armário” (expressão usada pela própria autora) voltam das sombras e começam a exigir os seus direitos de cidadania – desejando reaver as heranças de seus antepassados e, quiça, de seus descendentes, constituindo famílias, operando negócios, adquirindo representação política, etc.

O pretexto desse retorno se dá pela confecção, em laboratório, de um sangue sintético criado por japoneses que teriam tornado possível a vida desses mortos sem implicarem na morte dos vivos. Ainda perigosos, mas já diluídos no corpo social, os vampiros de Harris, cansados de uma vida nômade e de recolherem seus corpos em esconderijos aos primeiros raios do sol, organizam-se enquanto grupo e, mediados por vampiros militantes, criam *loobys* para atuarem junto aos Estados Nacionais, anunciando “somos muitos e estamos em todos os lugares” – antigo *slogan* do movimento gay pela cidadania.

A mítica criada em torno dos vampiros, e de todos os outros sobre-humanos, descontrói algumas das representações da cultura pop em torno dos vampiros: o alho, o crucifixo, a reza, o Deus, a fé, não são utilizados como argumento de contraponto ao poderio sobre-natural dessas criaturas, contudo, reificam alguns dos elementos mais associados a esse corpo: a capacidade extra-ordinária e sobre-humana de sedução. Caçadores, esses vampiros também são caça, pois seu sangue também é objeto de desejo. Os “drenadores” são os novos caçadores de vampiro, seus novos arqui-inimigos: caçam os vampiros para drenarem seu sangue e venderem no mercado negro. O sangue dos vampiros além de funcionar como cura para qualquer moléstia humana, tem um poderoso efeito afrodisíaco e alucinógeno.

Sookie, enamorada do vampiro Bill, ex-soldado da guerra civil americana, através de sua capacidade telepática, torna-se a grande simpatizante da causa vampiresca e coloca suas habilidades, que antes a faziam se sentir anormal diante dos seus pares, em favor desse desejo de existência e de vivência civil. Contudo, um mistério espreita essa personagem, apenas anunciado nas obras subsequentes, e por isso, respeitando os possíveis leitores, deixaremos em aberto os desdobramentos narrativos que explicam o porquê do seu corpo ser tão irresistível aos mortos-vivos, os vampiros.

A outra narrativa escolhida, *Apocalypse Z: o princípio do fim*, do escritor espanhol Manel Loureiro, é também (e não por acaso) o primeiro de uma série (trilogia) que versa sobre a vida em meio aos mortos-vivos. Contudo, nessa narrativa não temos o corpo de sedução dos vampiros de Harris, mas a presença massiva da putrefação: os zumbis. Sua narrativa sobre a pandemia de um vírus que atinge os mais recônditos espaços e transformam os corpos infectados em cadáveres comedores de carne humana antes de ser publicada pela Dolmen Editorial em 2007, era um blog de grande sucesso, a exemplo da também produção e do sucessivo sucesso editorial da série *Cinquenta Tons de Cinza*, da escritora-blogueira-fanfiction E. L. James.

A narrativa da obra, ainda que utilize o suporte da edição do livro, é estruturada como uma grande escrita de si, apresentando-se inicialmente como um *blog* (diário virtual) e depois, com os efeitos de um mundo em hecatombe, finaliza-se como um diário, escriturado em papel e lápis e abandonado para a posteridade. O escritor-narrador é um jovem advogado que mora numa cidade provincial da Espanha junto com seu gato persa Lúculo, presente de sua finada esposa. Ainda enlutado, pois a morte já é anunciada no espaço da saudade, ocupa-se com a sua vida corriqueira, na mais ordinária da existência, um protagonista anônimo, cujo nome é um mistério na narrativa. Contudo, estranhas notícias começam a emergir nas mídias sobre um conflito no Cáucaso, região entre a Europa Oriental e a Ásia Ocidental, num país, também ele, fictício. Esse conflito, como algo a ser experimentado ao largo da vida cotidiana de um espanhol provinciano, começa a tomar conta do mundo e um estranho fenômeno acontece: os mortos estão vivos. É o princípio do fim. Eles ocupam o mundo, tomam conta do mundo, estão nas ruas, estão nas casas, estão em todos os lugares, é a grande multidão a ser temida e a ser evitada.

Sozinho, o narrador vai alimentando seu diário virtual no espaço seguro de seu lar até que a

civilização entra em colapso: o fim da internet, o fim das comunicações, o fim da energia elétrica, o fim do Estado, o fim do Exército, o fim, essa experiência trágica da morte. Acuado diante da falta, o personagem e o seu gato, se veem impelidos a sair de um estado sedentário e empreende uma viagem em busca de segurança e de outros sobreviventes. Eis que se faz nômade, num deslocamento permeado de carne putrefata e faminta.

Longe de pretender historicizar a emergência dos mortos-vivos como representação do sobre-humano ou do corpo monstruoso para um tempo alhures, focado em suas origens, pensamos em, a partir desse aprendizado sobre os mortos e suas narrativas, problematizar a emergência de um novo corpo que passou a ocupar a nossa mídia, tendo início em junho de 2013 com o Movimento Passe Livre na cidade de São Paulo e que se especializou, assim como uma epidemia de mortos-vivos, para os maiores centros urbanos (e também em cidades menores) do Brasil.

As imagens, capturadas pela mídia empresarial e pela mídia ninja (como ficou conhecida a mídia independente que fez a cobertura em tempo real das manifestações), sobre as manifestações nas cidades brasileiras nos meses de junho e de julho, provocaram uma efervescência inusitada. Como toda experiência extra-ordinária, essa não escapou das tentativas de nomeação e de esclarecimento às populações, pondo em jogo a “verdade dos fatos”, como a incitar o riso de quem não dissocia a produção dos saberes para além das relações de poder (FOUCAULT, 1999).

A dificuldade de nomear e caracterizar tais experiências, na tentativa de explicar causas e efeitos, advém, justamente, da hibridez e da multiplicidade desse “corpo” que visto pelas imagens gravadas em cima dos helicópteros não deixa a desejar para a maior das produções hollywoodianas, a exemplo do comentado *Guerra Mundial Z*, adaptação cinematográfica de outro livro sobre zumbis do escritor americano Max Brooks.

Também afetadas pelas imagens (e seus burburinhos) e imbuídas da tarefa de delinear esse artigo, com a proposta de pensar o corpo do monstro como uma experiência de alteridade e como delineamento do estrangeiro de nossa cultura, re-lemos os mortos-vivos, na esperança de no diálogo entre vida e morte, abrir espaço para pensarmos a nossa experiência do tempo.

Os mortos-vivos de Charlaine Harris, compostos enquanto minoria que luta por representação civil, agencia toda uma estratégia demarcada pelo desejo de pertencimento, por uma pulsão identitária, por toda uma prática política agenciadora das militâncias dos movimentos sociais da metade do século XX. Nós estamos aqui, somos minorias, mas pleiteamos nosso lugar social, não exatamente ao sol, no caso da militância vampiresca. Esse desejo de identidade, tão própria da historicidade dos *X-Mens*, personagens dos quadrinhos que figuram a cultura pop em meio às lutas orquestradas pelos movimentos sociais da década de 60, a exemplo do movimento feminista, do movimento gay, do movimento pelo fim das prisões, do movimento negro, entre outros, é novamente acionado pelo grupo de sobre-humanos de Harris.

Em contrapartida, os mortos-vivos de Loureiro, esses nossos outros, com seu corpo-multidão (NEGRI e HARDT, 2005) trazem à tona a experiência de novos desejos de potência, de uma nova percepção de subjetividade que não necessariamente está voltada para um desejo identitário, demarcado por uma comunidade de sentidos. Pensado enquanto metáfora, esse corpo da multidão parece escapar de toda tentativa de unidade, de sentido, visto sua pluralidade, nomadismo e diferença. Somos muitos e lutamos muitas lutas, dizem os manifestantes.

A convivência dos mortos-vivos, vampiros e zumbis, mobilizam todo um empreendimento energético e político que nesse entrecruzamento de experiências sociais, de diferentes historicidades, parece interpelar o nosso presente: qual a vida que merece ser vivida? – lembrando que a vida, não está no campo da natureza, mas já é, ela mesma, política, objeto de uma operação estrategista das nossas sociedades de controle (AGAMBEN, 2005).

Pensar a vida social como biopolítica é compreender o nosso corpo também como

monstruoso, como aquilo que escapa dos ordenamentos, das racionalizações que se configura como experiência de exceção e, por isso, mesmo objeto de disciplinarização.

E daí, tantos sustos e assombros – nós somos os mortos-vivos, espacializados que estamos nessa experiência (extra)ordinária que anuncia as ruínas de uma civilização de exclusão, de interdição, de morte; uma legião, posto que somos muitos (militantes e manifestantes), que deseja, nessa nossa historicidade do simultâneo, novas potências de vida. Uma vida que suspeita do estado da morte, que quer devorar os resquícios de uma sociedade feita do mofo, com cheiro de putrefação.

Conclusão

Assim como a vida em aberto, tão perpassada pela nossa experiência do contemporâneo, não conseguimos (ou desejamos) concluir, ainda que isso possa significar uma prática antidisciplinar. Quando muito, podemos nos despedir, ainda indagando, inspiradas pela multidão de internautas que se ocupam do corpo monstruoso dos mortos-vivos: no apocalipse zumbi, quando se mata alguém, é um morto a mais ou um morto a menos? – Eis, uma nova questão.

Referências Bibliográficas

- 1] ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado*. São Paulo: Edusp, 2007.
- 2] BAKER, Phil. *Absinto: uma história cultural*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- 3] BLOCH, Marc. *Apologia da história. Ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- 4] CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- 5] CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982
- 6] DEL PRIORE, Mary. *Esquecidos por Deus: monstros no mundo ibero-americano (Séculos XVI-XVIII)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- 7] DELEMEAU, Jean. *A História do medo no ocidente. 1300-1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- 8] DELEUZE, Gilles. *Conversações – 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- 9] FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- 10] FLUSSER, Vilém. *A história do Diabo*. São Paulo: Annablume, 2005.
- 11] GINZBURG, Carlo. *Histórias noturnas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- 12] HARRIS, Charlene. *Morto até o anoitecer*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- 13] LECOUTEUX, Claude. *História dos vampiros: autopsia de um mito*. São Paulo: UNESP, 2005.
- 14] Loureiro, Manel. *Apocalipse Z: o princípio do fim*. São Paulo: Planeta, 2010.
- 15] NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

- 16] RANCIÈRE, Jacques. *A noite dos proletários: arquivos do sonho operário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- 17] SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Pedagogias do monstro: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- 18] VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: EDUNB, 1982.
- 19] VINCENT-BUFFAULT, Anne. *História das lágrimas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

i **Elisa Mariana de Medeiros NÓBREGA, Profa. Dra.**
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
elisammn@hotmail.com

ii **Geralda Medeiros NÓBREGA, Profa. Dra.**
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
geraldamnobrega@hotmail.com